

# Sincroni-cidades: Um percurso partilhado em confinamento

Rui Filipe Antunes, Daniel Tércio, Sérgio Bordalo e Sá

INET-md, Faculdade de Motricidade Humana, Estrada da Costa, 1499-002 Cruz Quebrada

Diz o Kublai Khan a Marco Polo: Não sei quando tiveste tempo para visitar todos os países que me descreves. Eu acho que tu nunca saíste deste jardim.

Responde Polo: Cada coisa que vejo e faço toma sentido num espaço da mente onde reina a mesma calma daqui a mesma penúmbra, o mesmo silêncio percorrido pelo estalar das folhas. No momento em que me concentro a reflectir, dou comigo sempre neste jardim, a esta hora da tarde, na tua augusta presença, embora continuando sem um instante de pausa a subir um rio verde de crocodilos ou a contar os barris de peixe salgado que colocam no porão.

Italo Calvino in *As Cidades Invisíveis*

## Sumário

Este artigo procura produzir uma reflexão sobre o trabalho de índole artística, Sincroni-cidades, realizado pela equipa do TEPE e seus amigos durante o período de restrições ao movimento causadas pelo vírus COVID-19 e que dá título a este artigo. O trabalho procurou responder ao desafio de visitar e efectuar um percurso pela cidade a partir do confinamento doméstico. Utiliza-se a metodologia da arte como modo de investigação, produzindo uma análise qualitativa ao exercício produzido durante o período de confinamento, e enquadrado na trilogia de percursos: Sincroni-cidades, Diacroni-cidades e Cumpli-cidades. Este caracterizou-se pelo registo (fonográfico, textual e fotográfico), efectuado de forma síncrona, de três momentos do mundo confinado por parte de um grupo de participantes situados numa geografia dispersa em dois continentes e nas ilhas atlânticas.

## Introdução

Conta-nos David Le Breton em *The Praise of Walking*, que Xavier de Maistre jovem Piemontês, condenado à prisão domiciliária durante quarenta dias iniciou uma viagem minúscula, mas de longa duração, transformando os “trinta e seis passos de perímetro da sua sala, num lugar de exploração e meditação”. Em linha recta, aos ziguezagues, e em círculos, percorreu as linhas possíveis daquele espaço numa caminhada sem regras nem método. No final acabou por não chegar ao destino que se propunha, pois, a sua condenação foi anulada, mas ficou-lhe uma experiência de transformação,

de conseguir metamorfosear aquilo que é percebido num primeiro momento como imobilização num espaço de exploração, permitindo ao espírito libertar-se num acto de criação. Diz de Maistre: “deixaram-me o universo inteiro; a imensidão e a eternidade ficaram às minhas ordens”.

No cárcere, em Veneza, após regressar das suas viagens, Marco Polo aproveitou o facto do seu companheiro de cela Rustichello de Pisa ser um famoso romancista, para registar por escrito as suas aventuras exploratórias, viajando mentalmente pelos encontros e caminhos trilhados no Oriente.

*Kairos* é uma palavra de origem grega que significa o tempo da oportunidade, o momento oportuno e decisivo, quando as condições se conjugam num potencial para uma ação crucial de mudança. As medidas de segurança provocadas pelo vírus Covid-19, nomeadamente o confinamento forçado, fizeram com que, tal como de Maistre e Marco Polo, a equipa do TEPe se visse fisicamente confinada às suas habitações individuais.

O TEPe – Technologically Expanded Performance (PTDC/ART-PER/31263/2017) é um projecto de investigação que procura entender a reciprocidade que existe no impacto dos ritmos da cidade e da sua sonoridade nos corpos em movimento. Que procura entender como o corpo afecta e é afectado por esses ritmos. Se por um lado o projecto procura activar e trazer a atenção dos caminhantes para os seus sentidos, por outro procura também tornar visível o que está invisível nas camadas da história da cidade, as suas memórias soterradas. O projecto tem lugar nas cidades de Lisboa, em Portugal, e Fortaleza, no Brasil.

Nesse âmbito, Sincroni-cidades foi a primeira parte de um exercício tripartido que envolveu três percursos/caminhadas, e que contou com a participação dos membros da equipa TEPe e os seus amigos - um conjunto de académicos e investigadores que acompanham e participam com regularidade nas actividades deste grupo de investigação -, retirando partido do *kairos* proporcionado pelo momento extraordinário causado pelo Covid-19. Sincroni-cidades aconteceu durante o período mais restrito do confinamento, quando as inibições de saída das pessoas à rua estavam no seu pico e se aplicava com grande rigor a sua implementação.

### **Sincroni-cidades: Um exercício síncrono entre cidades de dois continentes.**

Contextualizado pelo TEPe, Sincroni-cidades foi inicialmente pensado como um exercício-ponte que nos ajudasse a criar um registo conjunto, neste momento extraordinário, entre as duas cidades, onde se localizam as universidades parceiras deste projecto. No entanto, o exercício expandiu-se a outros locais do globo onde os participantes se encontravam naquela altura uma vez que as universidades encerraram as suas portas e os participantes neste exercício passaram a trabalhar em regime de teletrabalho a partir das suas casas localizadas nos mais diversos e dispersos lugares.

O que é a cidade sem a antropofonia? Qual a qualidade sonora da urbe quando o bulício da actividade económica (e motorizada) e o ritmo dos corpos em movimento abranda? Estas foram algumas das questões que se colocaram neste momento extraordinário provocado pela pandemia do COVID-19 e as medidas drásticas de contenção e distanciamento social que nos vimos forçados a estabelecer.

No capítulo *From My Window*, do livro *Rhythmanalysis*, Henri Lefébvre descreve a cidade vista do ponto de vista da sua janela, da varanda, que lhe permite uma visão simultaneamente vertical, no sentido de haver uma distância suficiente para evidenciar a estrutura da cidade, e horizontal no sentido de também haver a proximidade necessária para perceber a vivência do local (Lefébvre, 2004, pp 37-46). Lefébvre parece invocar uma duplicidade necessária para analisar os ritmos da cidade que requer um dentro e fora simultâneos, que se esteja dentro dos ritmos enquanto agentes produtores e fora deles enquanto sujeito analítico.

Neste caso não poderíamos participar na rua como produtores de ritmos, em virtude da nossa situação confinada. Mas poderíamos usar as janelas e varandas para registar o momento, equipados com os nossos telemóveis, como testemunhas de um instante. Um pouco com esta ideia em mente, propusemos à comunidade participar na recolha de ambientes sonoros urbanos e documentar estas raras paisagens sonoras. Foi efectuada uma call pública sem limite de inscrições. Responderam vinte sete pessoas. O resultado foi um retrato meditativo, multimédia e online, tomando a forma de mosaico de registos textuais, visuais e sonoros. De uma forma síncrona, a partir das suas janelas, os participantes foram convidados a fazer um registo, formado por *i)* um fotograma, *ii)* um fonograma e *iii)* uma descrição textual dos acontecimentos num instante preciso, naquele lugar onde se encontrassem. A composição coletiva resultante foi, e está, a ser apresentada no site do projecto, em <https://tepe.estudiosdedanca.pt/sincroni-cidade> .

O exercício dividiu-se conceptualmente em duas partes, a primeira em capturas efectuadas nos dias 5 e 10 de Abril, e a segunda capturando o instante extraordinário da celebração dos quarenta e seis anos da revolução do 25 de Abril, em Portugal, em que as pessoas, às 3 horas da tarde, impedidas de vir celebrar na rua, cantaram a partir das janelas das suas casas a canção Grândola Vila Morena do cantor Zeca Afonso.

### **Dias 5 e 10 de Abril**

Neste exercício recolhemos pequenos momentos, síncronos, em geografias separadas e dispendo-os lado a lado, como se formando um puzzle, num site. Italo Calvino em *Se numa noite de Inverno um Viajante*, construiu um romance a partir de fragmentos, de histórias interrompidas. O mosaico sonoro, fotográfico e textual que forma Sincroni-cidades é também ele composto por pequenos momentos interrompidos que são também parte de uma mesma história partilhada. Um momento no tempo. Uma geografia diversa. Separação de tempo e espaço?

Que sujeitos são estes momentos/lugares que são retratados pelos participantes? No Capítulo nono da *Invenção do Quotidiano*, de Certeau faz uma distinção entre espaço e lugar. Espaço enquanto sítio físico pré-existente e lugar enquanto sítio habitado por pessoas que reconfiguram o sítio físico (de Certeau, 1998, pp.199-217). Procurou-se registrar o que aconteceu, a vida que habitou o espaço naquele preciso instante. O lugar, portanto. Na tradição Romana prestava-se culto ao espírito do lugar, o *genius loci*, uma entidade imaterial que protegia um dado espaço. Que espíritos serão estes vistos das janelas de cada um(a) dos participantes, localizados em ruas, em cidades e em países - e continentes - distantes? Poder-se-á falar-se aqui dos espíritos de cada um desses lugares, mas o que pretendemos mesmo é olhar para um “espírito de Sincroni-cidades”, de uma relação que se estabelece entre os múltiplos e distintos lugares. Considera-se cada lugar por si, mas também em relação aos outros, um entre-lugares. É um tempo e um espaço gerados por um valor afectivo, um espaço relacional.

Pode dizer-se de Sincroni-cidades ser um percurso, mas estático, um percurso fragmentado. Como De Mestre numa caminhada sem caminho, mas ao contrário dele, de corpo imóvel. Os participantes testemunharam o instante, sentiram-no, de corpo estático activaram a sua atenção perceptiva, gravaram a paisagem sonora, tiraram fotografias do que viram, tomaram notas descrevendo o que aconteceu e sentiram, pequenos apontamentos. Aqui o percurso foi feito de pontos discretos, momentos isolados mas temporal e contextualmente conexos. Um percurso tem subjacente uma passagem de tempo, uma dimensão temporal, mas quando se acede aos lugares do percurso no site onde o trabalho está exposto, o tempo é nulo, transita-se do ponto A ao ponto B no imediato, e retomamos o mesmo instante mas numa geografia diferente. Como um Marco Polo preso na cela a recordar e juntar os lugares distantes que tinha vivido no Extremo Oriente, também os participantes/testemunhas capturaram ruas e lugares separados, unindo-os no mosaico, fixando-os. Mas ao contrário de Polo, a temporalidade do resultado obtido é referente a um único instante partilhado. Testemunhas do mundo, os participantes construíram um retrato de um instante: multi-lugares em sincronia, um percurso na geografia de um instante. Capturou-se o *genius loci*, Sincroni-cidades, um espírito comum que habita todos estes lugares retratados, em simultâneo, tornado realidade a partir de um vírus biológico.

## **Dia 5**

"Busco meu isolamento em meio à natureza, agradecida pelo privilégio de poder permanecer num paraíso... por aqui só passa o vento, as ondas do mar e os passarinhos com seus cantos, para eles que coloco meu foco e meu olhar aqui da minha varanda através de um simples e já quebrado móvel de barro! Para surpresa, enquanto tirava a foto, entrava no vizinho um moto entregador a carregar algo, creio que um botijão de gás!! É a vida que continua!",

"Sons de passarinhos a morder as chapas de zinco. Vento a secar os lençóis. O melhor som aconteceu antes da gravação às 13h. O sino da Igreja de São Pedro em Alcântara",

" Imenso silêncio. Um som homogêneo de trânsito suave ao fundo, o vento a bater nos lençóis estendidos na minha varanda. De repente um queixume de uma criança. O relógio da torre da igreja da Penha de França dá 1 badalada enquanto um autocarro acelera. Uma andorinha pia uma vez.",

"Vento e ruído da ponte 25 de abril como som de fundo. Uma persiana que se abre no prédio defronte. Gotas de chuva.",

"Escuta-se a ausência dos sons característicos desta rua. A ausência de aviões, carros, pessoas, cães. Nessa sombra sonora que nos invade a memória, o que nos é dado a ouvir é o murmúrio normalmente imperceptível da cidade, um aglomerado de sons a longas distâncias.",

"Gruas observam espaço ocupado por um eléctrico chamado desejo. Gruas observam espaço vazio. Intervalo no silêncio, carro da PSP, conduzido por agente com máscara, sobe a rua.",

"O som do silêncio acompanhado pelos pássaros. Um carro rasga o silêncio. Os pássaros cantam mais forte. Na rua um carro parado e uma moça que sobe caminhando, no parapeito um pombo parado. A cortina se move com o pouco vento que a alcança.",

"Os carros ouvem-se passar ao fundo. Nem parece que estamos em regime de emergência. Vindo de lado, escutei um som mais forte. Parece que um transeunte bateu com o saco das compras num carro estacionado. Seguiu viagem ao longo do passeio.",

"Vento que passa; vozes de gente que fala à porta do restaurante que serve take aways - à distância de segurança uns dos outros.",

"Um mota de entregas de pizza chega ao prédio. Ao fundo, ouvem-se pássaros na mata. Um carro aproxima-se.",

"A imagem é da janela que se volta para o quintal, parte dos fundos da casa. O som tem uma mescla de cantos e voos de pássaros, carros que passam na parte da frente da casa e barulhos de um dos vizinhos mexendo em algo metálico.",

"Da minha varanda tirei uma primeira foto, mas a descartei. Preferi a vista que tinha mais ao lado e acima com a árvore e o sol, uma sensação de poder compartilhar um pouco da luz solar e vitamina D. Os cachorros latiam imensamente, também os passarinhos multiplicaram-se nestes dias. Enquanto nos silenciámos um pouco mais, as conversações entre os pássaros tornam-se mais nítidas, amplificadas. Neste mix remix sonoro de um instante estava presente também o som do sintetizador que o Canário tocava no quarto ao lado. Aqui, os sons ambientes mesclam-se com os instrumentos, sons eletrônicos, pássaros, obras, micos, cães, aspiradores de folhas, cortadores de grama, mas, nesses segundos gravados, os cachorros latiam muito..."

"Chove, mas não se ouve a chuva cair. É uma chuva miudinha. Os pássaros cantam. Uma mãe passeia com suas filhas: uma ainda pequena vai num carrinho de bebé, enquanto a outra corre de um lado para o outro. A mãe avisa-a que tenha cuidado ao atravessar. Passa um autocarro. A criança fala alto, parece que afinal vão ao Pingo Doce!"

"A recolha dá destaque a um dos passarinhos que anda nas copas das árvores à volta da casa. Talvez seja o passarinho que fez ninho no teto, mesmo em cima da janela de onde tirei a foto? Os outros sons não são reconhecíveis nesta gravação. Primeiro o som do mar, contínuo e surdo, mais ao fundo. Hoje, o mar está menos agitado e ouve-se menos as ondas a esbater na pedra, comparando com os dias anteriores. A corrente do mar virou para noroeste, enquanto nos dias anteriores, estava entre leste e sul, mesmo em direção à casa. E claro, quando vem de leste ou de sul, o sinal de agitação marítima, vento forte e chuva. Segundo o vento. Também baixou de intensidade comparando com os dias anteriores; mas já deixou o noroeste para voltar a leste. Está a choviscar. Nada disso se entende na gravação: o som do vento nas copas das árvores, a chuvinha a cair. Presença humana, só indícios secundários. Podia ouvir um carro a passar por perto (passou um pouco tempo antes de gravar), ou ver um carro estacionado na zona de churrasco, à beira mar. Seria um pescador à linha que se esconde nas pedras vulcânicas, nesta zona chamada Baía da fonte, na Manhêna. Sobram a linha elétrica, a iluminação pública e a zona de churrasco. Perdida nos fusos do atlântico. A sincronia nos Açores é sempre complicada! Pois, o meu fuso horário é singular. E sendo domingo, estava a dar um passeio a beira mar na hora estipulada."

"Escuto à janela o som da chuva que bate nos ramos dos castanheiros, nas telhas da casa e no beiral da janela, uma leve brisa e depois um passarinho no cimo da árvore."

Lidas assim em sequência, as descrições das diferentes geografias urbanas de Lisboa e Fortaleza, mas também de pequenas aldeias no Centro de Portugal e Açores, de lugares no Brasil, parecem revelar um quase silêncio, o essencial do espaço. Mas sobretudo os relatos deixam entrever uma calma consentida pelo dia (meio da manhã no Brasil). Os testemunhos parecem mostrar uma atenção redobrada pelos detalhes da paisagem, longe portanto da áudio-analgesia do pandemónio urbano sugerida por Murray Shafer (Shafer, 1994, p.96). Os carros e autocarros ganham grande relevo e contraste, uma paisagem onde a figura ganha destaque contra o fundo pautado por passarinhos, murmúrios, cães que latem, vento, "o murmúrio normalmente imperceptível da cidade". As descrições são

coincidentes no activar dos sentidos da escuta e da visão, desprivilegiando o tacto, o paladar e o cheiro.

## **Dia 10**

"Durante a recolha escutei apenas sons ao longe, em ruas adjacentes a esta, e aparentemente não produzidos na própria rua. Os sons que se ouviram não eram particularmente identificáveis.",

"No prédio da frente crianças brincando no parquinho da área comum do prédio em balanços e adolescentes jogando futebol. Uma moto cruza a rua com um som cortante. Um som bem alto se aproxima com um coro de vozes que cantam canções religiosas e muitas palmas reverberam ao fim da música. No prédio fotografado pessoas vão às suas janelas com lanternas e as balançam enquanto cantam. A música é Faz um Milagre em mim, de Regis Danese, cujo refrão é: Entra na minha casa / entra na minha vida / mexe com minha estrutura / sara todas as feridas / me ensina a ter santidade / quero amar somente a ti / porque o Senhor é o meu bem maior / faz um milagre em mim.",

"Uma mota na noite.",

"Imenso silêncio, o vento a bater na roupa entendida na minha varanda. De repente uma voz que sai por uma janela aberta. Uma gargalhada de grupo. Loíça, copos a bater uns nos outros, um brinde?",

"Sabe-me bem este quase silêncio líquido e transparente que me deixa ouvir a calma. O vento entre as folhas das árvores responde-lhe e depois, ao fundo, um rumorejar suave.",

"Uma motorizada sobe a rua. Na noite, os candeeiros de luz amarela. Ainda uma breve porção da ponte.",

"Apenas o vento, em plena fúria, discutindo com as árvores e lutando com um plástico pendurado no andar de cima. Pedia silêncio, no jardim (quase) deserto, porque se adivinhava alguém sentado num banco, que apenas o reflexo do telemóvel fazia denunciar.",

"Na linha da frente

Noite apressada

Depois de um dia tão lento

( David Mourão-Ferreira )",

"Sons da noite, persiana que fecha, mota ao longe, estrelas inaudíveis; Carro que viaja, movimento espacial do som; reverberação longínqua, ressonância particular; vozes humanas ininteligíveis.",

"Escuta-se o som de um camião de recolha do lixo, os automóveis continuam a circular na rotunda. O vento ressoa agitado.",

"Abri a porta e tentei escutar os bichos e os gatos no cio mas só consegui ouvir a água que descia ao longe e a leve brisa a raspar os troncos das árvores e a casa de pedra. Os gatos enroscaram-se em cima das gatas assim que desliguei a gravação.",

"No silêncio da noite e com a rua vazia, um carro de desinfecção aproxima-se e começa a espalhar o produto no passeio com uma mangueira de alta pressão.",

"Não podia sonhar melhor horário para gravar um dos emblemas sonoros dos Açores: O cagarro! Linda e imponente ave que passa o dia no mar e regressa à terra para cuidar das crias depois do sol posto (pelas 20h30 agora). Esta ave pode ser considerada a andorinha açoriana, porque chega na altura da primavera. Levanta voo em outubro, com as crias prontas para a sua primeira viagem migratória. Gravei durante algum tempo para conseguir selecionar este excerto. Todas as noites, ouvimos no escuro um concerto em movimento, com casais a bailar no céu. Aproximam-se... Afastam-se... Aproximam-se mais... Ouve-se ao longe...É o que ouvimos no excerto. Além disso, distingue-se bem o canto de um macho e de uma fêmea. Nunca me lembro qual é qual: um produz um som mais agudo, outro mais grave e surdo (ouve-se a partir do 20º segundo). A gravação tem muito ruído, o canto dos cagarros perfura mesmo o silêncio, salvo raro carro a passar. A fotografia foi tirada da mesma janela que no dia 5, estou orientado a sul, onde há muito poucas habitações. Por sorte, a iluminação pública perto da minha casa não funciona. Consigo ter uma escuridão boa. A fotografia não retrata todas as estrelas que vi nessa noite, o céu estava limpo! Apenas consegue-se ver um pontinho branco no meio. É Sirius, a estrela mais brilhante do hemisfério norte.",

"Vento...",

"Sons de vento nas folhas de uma árvore, o canto de um grilo, crianças brincando ao fundo e algumas motos a passarem por ruas laterais.",

"Aqui está bom

Um carro passou

Pausa

Os grilos voltaram",



"Quando abri as cortinas toquei no espanta-espíritos. O seu som sobrepõe-se ao ruído de um carro que passa e de um cão que dá um único latido ao fundo."

Nesta sequência de depoimentos do dia 10 de Abril confirma-se uma paisagem de características tendencialmente hi-fidelity, na perspectiva de Shafer, onde os elementos sonoros têm preponderância e se destacam do fundo. Listando os depoimentos podemos perceber duas tonalidades, não contrastantes, mas distintas entre si. Por um lado, da parte daqueles que ficaram confinados em meios rurais, uma atenção às estrelas, aos grilos que regressam, ao acasalamento dos cagarros e dos gatos, da água a correr e da brisa, do vento outra vez; e depois, por outro lado, da parte dos confinados em meio urbano, com uma atenção despertada para as actividades dos vizinhos, os seus brindes, as suas canções religiosas, as persianas, o carro de desinfeção e o camião do lixo, uma mota e outra ainda e ainda mais uma outra motorizada. Outra vez a figura ganhando relevo contra o fundo silencioso, mas parece ser esta uma "Noite apressada Depois de um dia tão lento". Quando o bulício da actividade económica (e motorizada) e o ritmo dos corpos em movimento abrandam, os sons chave, aqueles mil e um ruídos da vida quotidiana que conferem identidade a um espaço também eles se desvanecem. Melhorou a qualidade sonora da urbe? Shafer alerta-nos, no entanto, para o facto de que o som que escolhemos para figura ou fundo se deve em muito a processos culturais, ao estado mental momentâneo ou a relação do indivíduo com o meio (Shafer, 1994, p.152).

Com exceção de dois testemunhos - "aqui está bom", "sabe-me bem"-, os relatos têm na sua quase globalidade um tom distanciado, de testemunha desafectada. Reina uma calma. Não há queixumes nem euforias. São relatos objectivos do mundo. Descrevem o espaço e o lugar. Contemplativos descrevem a impressão de um mundo exterior num movimento de fora para dentro. As testemunhas pouco falam, no entanto, da sua relação subjectiva com o lugar. A substituição da experiência pelos aspectos factuais característica do Homem Moderno de que nos falava Benjamim. Como se a expressão dos corpos, o movimento de dentro para fora, tivesse sido abstraída do comentário dos participantes. Como se eles próprios estivessem ausentes. Como não foram dadas instruções de conteúdo aos participantes, fica a dúvida: Uma perspectiva de distanciação do sujeito observado experimentalmente, *stricto sensu*, ou o silenciar da emoção de estar confinado e não poder estar fisicamente lá fora, no lugar observado, como diz Marco Polo ao Khan, de dar consigo sempre neste mesmo jardim?

## **Dia 25 de Abril**

O 25 de Abril de 1974 foi um momento histórico em Portugal, com o derrube do regime ditatorial. A "Revolução dos Cravos" trouxe uma mudança de rumo, uma eúritmia e um novo sentido de comunidade. Ao mesmo tempo, Portugal realizou uma

descolonização acelerada na administração dos territórios em África, na Ásia e na Oceânia.

Durante estes 46 anos, a democracia amadureceu, e a geografia humana alterou-se: a população abandonou o interior deslocando-se para o litoral onde as principais cidades se situam. Lisboa manteve uma centralidade ancestral, com a concentração de praticamente todos os serviços administrativos do Estado.

No 25 de Abril de 2020, a população ficou em casa, confinada por decreto do Estado. Mas foi à janela e cantou. A comunicação social espalhou a intenção, às 3 horas da tarde, as pessoas foram convidadas para celebrar a Revolução de Abril cantando a canção Grândola Vila Morena a partir das janelas das suas casas. Sincroni-cidades registou esse momento. De um lado os participantes do Brasil, capturando uma rua abstraída e provavelmente ignorante da celebração; do outro os participantes no projecto, em Portugal, registrando a rua (e alguns) cantando em viva voz. O que se escutou?

Solitários, casais, famílias inteiras, grupos de co-habitantes, em maior ou menor número, quase todos vieram às janelas. Dentro e fora. Alguns murmurando a canção, outros cantando a viva voz, outros assistindo passivamente ao evento. Mas foram bastantes as vozes pontuadas no espaço. Unidos no espírito da ação mas separados na cartografia. A geometria da arquitetura da rua desenha uma câmara sonora que vai de uma às outras janelas, e se prolonga. Descemos da varanda de Lefebvre e enchemos a rua com a nossa voz, transformamos o espaço num lugar habitado, partilhado.

Em conjunto com a restante população à janela, os participantes (cantaram) registaram e partilharam as suas experiências. O resultado dessa comunhão de registos/testemunhos está agora apresentada no site formando um mosaico para ser livremente consultado. As partilhas documentaram os locais urbanos, onde a celebração foi mais notória, mas também locais rurais pelo país fora, assim como no Brasil. À posteriori editamos as gravações tentando montar com esses registos a canção de Zeca Afonso (Grândola Vila Morena) na sua sequência e integridade - cada um destes registos com cerca de um minuto de duração -. O resultado está disponível em

[https://tepe.estudiosdedanca.pt/diversos/sincronicidade/25\\_abril\\_sempre\\_2020.mp3](https://tepe.estudiosdedanca.pt/diversos/sincronicidade/25_abril_sempre_2020.mp3)

Para nossa grande surpresa, verificámos a existência de uma dessincronia evidente, ainda que harmoniosa, mas a fazer sentir a ameaça da arritmia. Apesar da vontade de sincronidade de muitos dos participantes e manifestada nos apelos da comunicação social, uns seguiram a canção que tocava na rádio, outros sobrepuseram a sua voz às suas próprias gravações do tema, outros cantaram de memória; muitos, talvez, desconhecendo com exatidão a letra da canção. Outros, ainda, optaram por não cantar e registrar apenas o que se escutava. Convém referir

que esta canção, tratando-se quase de um hino *de facto* da revolução, é muito popular, mas que julgamos serem muito poucas as pessoas que saibam a sua letra na totalidade. Será esta aparente dessincronia uma metáfora dos tempos?

## Epílogo

Neste projecto procurámos visitar a cidade a partir do confinamento e entender o que acontece num dado instante, evidenciando os ritmos e a diversidade eco-acústica normalmente mascarados pelo ruído. Em grupo, capturamos três instantes deste período histórico que foi o confinamento forçado causado pela ameaça biológica e pandémica do COVID-19. O dataset produzido pode, de futuro, ser utilizado em estudos comparativos que investiguem este período histórico. Os dois primeiros desses instantes tiveram resultados muito idênticos, embora um seja um retrato de um momento diurno e o outro de um momento noturno. Ambos os retratos demonstraram características serenas, numa paisagem caracterizada sonoramente pela sua *hi-fidelity* (num entendimento Shaferiano), a permitir uma perceção auditiva em perspectiva, com figura e fundo, em que os sons discretos nos surgem limpos e contrastados. Um terceiro instante, teve características mais dinâmicas e vibrantes e enriquecido com pessoas às janelas a cantar. Arquivamos estes momentos de um tempo histórico num site da internet (<https://tepe.estudiosdedanca.pt/sincroni-cidade>). Um testemunho construído como um lugar comum.

Este trabalho mostrou-nos ter havido durante este período uma qualidade sonora que seria interessante contrastar com outras altura desconfinadas em que a actividade económica e social esteja a acontecer em “normalidade”. Sem grande surpresa registamos não ter havido grande distinção, durante aquele período do confinamento, entre a sonoridade do dia e da noite a partir das janelas de onde foram feitos os registos. Como os registos fonográficos foram obtidos com equipamento dispar, por norma telemóveis de características distintas entre si, tal facto impediu uma análise uniforme às propriedades físicas dos sinais registados. Apesar de não ser notória, qual a diferença entre noite e dia? Entre o ambiente rural e urbano? Os participantes privilegiaram a visão e a escuta. Como teria acontecido se tivéssemos convocado todos os sentidos? Surpreendente mesmo foi a dessincronia registada no cantar da Grândola Vila Morena no registo do dia 25 de Abril. Um sinal dos tempos?

## Agradecimentos

Sincroni-cidades aconteceu em Abril de 2020 no âmbito do projecto TEPe [PTDC/ART-PER/31263/2017]. Concepção: Daniel Tércio, Rui F. Antunes e Sérgio Bordalo e Sá. Participação: Allan Diniz, Ana Macara, Ana Mundim, Ana Pais, André Guedes, Beatriz Cantinho, Carlos Antunes, Catarina Canelas, Cecília Lima, Daniel Tércio, Elisabete Monteiro, Ivani Santana, José Carlos Costa, Jonas Runa, Luca

Apréa, Luísa Roubaud, Maria Baderna, Maria João Alves, Rita Vilhena, Rui F. Antunes, Sophie Coquelin, Sara Gebran, Sérgio Bordalo e Sá, Sofia Soromenho, Sílvia Pinto Coelho, Thaís Gonçalves e Thembi Rosa, a(o)s quais queremos mostrar o nosso profundo agradecimento. O projecto de investigação *TEPe – Technologically Expanded Performance* é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

## **Bibliografia**

Calvino, Italo: *As Cidades Invisíveis*, Editorial Teorema, 2006.

de Certeau, Michel, *A Invenção do Quotidiano*, Editora Vozes, 1998.

Lefebvre, Henri, *Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life*, Bloomsbury, 2004.

Le Breton, David, *Elogio del Caminar*, Titivillus, 2018.

Shafer, Murray, *Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World*, Destiny Books, 1994.